



Análise dos efeitos do Pós-Pandemia da COVID-19 no Desempenho Econômico-Financeiro das Empresas do Setor de Consumo Cíclico Listadas na B3

Área Temática: Contabilidade Financeira e Governança Corporativa

DOI: <https://doi.org/10.29327/1680956.11-38>

Gabrielly da Silva Teixeira

Instituição Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail gabrielly_teixeira24@hotmail.com

Orleans Silva Martins

Instituição Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail orleansmartins@yahoo.com.br

Resumo

A presente pesquisa teve por objetivo investigar o comportamento dos índices econômico-financeiros das empresas do setor de consumo cíclico listadas na B3 antes, durante e após a pandemia. Para tanto, a metodologia aplicada para esta pesquisa foi descritiva, quantitativa e documental, tendo como métricas de desempenho os indicadores econômico-financeiros de liquidez, endividamento e rentabilidade referente aos períodos do 1ºT 2010 ao 3ºT 2024. A amostra consistiu em um total de 24 empresas e os procedimentos adotados para a análise foram a estatística descritiva e os testes de Shapiro-Wilk, Kruskal-Wallis e o *post-hoc* Dunn. Os achados da estatística descritiva evidenciaram que a maior parte dos indicadores foi afetada pela pandemia, salvo o índice de Composição do Endividamento, que se manteve favorável mesmo diante da pandemia, e os índices de Liquidez Seca e Rentabilidade sobre o Ativo, que demonstraram sinais de recuperação após a crise. Os testes estatísticos revelaram diferença significativa nos índices de Liquidez Seca, Liquidez Geral, Composição do Endividamento, Participação de Capital de Terceiros, Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido e Rentabilidade sobre o Ativo entre os períodos pré-pandemia x pandemia e pré-pandemia x pós-pandemia, sugerindo que os efeitos da crise econômica se deram com base na pré-pandemia em relação aos períodos posteriores e que os índices se estabilizaram após o impacto inicial. De modo geral, os apontamentos confirmam a hipótese de que os indicadores foram afetados negativamente pela pandemia, ao passo que refutam a hipótese de que tais índices se recuperaram após a crise sanitária, dada a estabilidade dos indicadores após o efeito imediato da pandemia. O presente estudo proporciona contribuições importantes à área acadêmica quanto aos efeitos recentes da pandemia sobre as empresas de consumo cíclico e aos *stakeholders* quanto à tomada de decisões e preparação para futuras crises.

Palavras-chave: Indicadores econômico-financeiros. Consumo cíclico. COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

No campo da Contabilidade, um recurso fundamental para a análise do desempenho organizacional são as demonstrações financeiras, as quais incluem todas as transações realizadas por uma empresa (Matarazzo, 2010). Dessa forma, o autor Assaf Neto (2023) ressalta a importância da análise de balanços, pois esta fornece informações sobre a posição econômica e financeira da entidade, a fim de ajudar acionistas, administradores, fornecedores, clientes, governo e demais partes interessadas.

Nesse sentido, existem diversos métodos empregados na realização da análise de balanços. Assaf Neto (2020) afirma que uma das técnicas mais adotadas para o estudo das demonstrações contábeis de uma empresa são os índices financeiros, que consistem na relação entre dois ou mais itens dos demonstrativos financeiros. Os indicadores possuem a função de fornecer elementos que auxiliem na interpretação das análises de balanço, ou seja, dar sentido e perspectiva para que a análise não seja apenas com foco no passado, mas sim, para que se antecipe cenários futuros a partir de dados históricos (Iudícibus, 2017).

Por outro lado, cabe acrescentar que gerir as finanças das empresas não é um dever simples. Esta tarefa possui múltiplos fatores que dificultam esse processo, dentre eles, os fatores macroeconômicos, que são um desafio considerável para se manter a saúde financeira do negócio. As crises econômicas ilustram casos como esses, já que são fatores exógenos que podem afetar o comportamento dos setores econômicos, sobretudo o de consumo cíclico (Rosa; Decourt; Vancin, 2023; Pandini; Stupp; Fabre, 2018).

O setor de consumo cíclico é caracterizado por ser extremamente vulnerável às condições macroeconômicas, dado a não essencialidade de seus bens e serviços, e, por isso, tende a apresentar variações acentuadas em seu desempenho conforme os ciclos econômicos (Pindyck; Rubinfeld, 2013). Tal sensibilidade é explicada pela diminuição da renda do consumidor diante de períodos de recessão, resultando na queda da demanda dos bens não essenciais (Shin; Park; Kim, 2024). Sob esse enfoque, fases de retração causadas por crises econômicas afetam estas empresas de forma significativa, de modo a comprometer os seus resultados.

A mais recente crise, caracterizada como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), trouxe novos desafios para o setor cíclico. Em decorrência das medidas adotadas para o enfrentamento da crise sanitária, a atividade econômica ficou paralisada e ocorreu o fechamento da maioria das empresas cujas operações e serviços foram julgados como não essenciais (Rezende; Marcelino; Miyaji, 2020). Com isso, os consumidores mudaram seus hábitos de consumo, passando a diminuir as compras impulsivas e a efetuar mais transações digitais (Britez; Fernández; Frank, 2020).

Portanto, é inegável que a pandemia trouxe alterações substanciais para as companhias. Sob essa ótica, as repercussões no pós-pandemia no setor de consumo cíclico na perspectiva dos indicadores econômico-financeiros ainda é uma questão pouco explorada dado o caráter atual deste tema, cabendo a seguinte problemática: Como se comportaram os principais índices de desempenho econômico-financeiro das empresas do setor de consumo cíclico listadas na B3 antes, durante e após a pandemia?

À luz da Teoria dos Ciclos Econômicos, o presente estudo se justifica devido à intrínseca vulnerabilidade do setor de consumo cíclico às flutuações macroeconômicas e devido a atualidade do contexto pós-pandêmico, sendo útil para os *stakeholders* destas empresas, pois

pode fornecer subsídios para a tomada de decisão dos gestores e demais interessados, além de auxiliar na preparação para possíveis crises futuras.

A partir desse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo investigar o comportamento dos principais índices de desempenho econômico-financeiro das empresas do setor de consumo cíclico listadas na B3 antes, durante e após a pandemia.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Análise das demonstrações contábeis

A avaliação do desempenho empresarial por meio das demonstrações contábeis é uma área da Contabilidade que vai além da capacidade de gerar relatórios. Este recurso oferece uma visão de curto e longo prazo e contribui para que as organizações aprimorem suas estratégias com base em informações passadas e façam projeções futuras, visando garantir seus diferenciais e vantagens competitivas, o que se torna ainda mais relevante em mercados de concorrência cada vez mais exigente.

Também conhecida como “análise de balanços”, a análise das demonstrações contábeis tem como papel fornecer informações sobre o desempenho econômico-financeiro atual e os fatores que influenciaram essa situação, bem como tendências futuras de uma empresa (Assaf Neto, 2023). De maneira semelhante, Matarazzo (2010) afirma que a análise de balanços viabiliza a estimação do futuro de uma companhia, além da identificação de seus pontos críticos e potenciais, sendo de fundamental relevância para as partes relacionadas, como fornecedores, financiadores, acionistas e empregados.

No âmbito da análise do desempenho organizacional por meio de dados de demonstrativos contábeis, existem diversas metodologias que podem ser adotadas de acordo com os objetivos a serem atingidos. Nesse sentido, dentre as técnicas mais frequentemente empregadas para a avaliação das demonstrações financeiras, destacam-se os indicadores econômico-financeiros (Assaf Neto, 2020; Matarazzo, 2010).

O uso de índices econômico-financeiros surge como uma estratégia para aumentar a utilidade dos demonstrativos contábeis, uma vez que a interpretação de valores absolutos pode ser mais complexa (Jacintho; Kroenke, 2021). Assim, tal ferramenta consiste em relacionar matematicamente grupos de contas contidos nos relatórios contábeis, de modo que seja possível comparar empresas de diferentes tamanhos (Haralayya, 2021).

Tendo em vista a elaboração de informações úteis ao usuário, Martins, Miranda e Diniz (2024) sinalizam que o analista não deve se apegar à quantidade de índices no processo de seleção, mas sim na relevância daqueles para a compreensão da análise. Nesse sentido, Silva (2017) acrescenta que a quantidade de índices estudados não resulta em um aumento equivalente na qualidade das informações, o que ratifica a ideia de definir apenas os índices mais importantes para a avaliação do desempenho empresarial.

Do ponto de vista de Matarazzo (2010), os índices visam medir a situação financeira e econômica da companhia, proporcionando uma visão geral da saúde financeira da empresa. Sendo assim, para a realização de uma análise mais eficaz, o autor recomenda a divisão dos indicadores em dois grupos: financeiro e econômico. Desse modo, os quocientes de liquidez e de estrutura de capital ou endividamento evidenciam os aspectos financeiros da empresa, enquanto os quocientes de rentabilidade revelam a posição econômica da firma.

2.2 Consumo cíclico

O setor de consumo cíclico é normalmente relacionado à sua sensibilidade às flutuações macroeconômicas, as quais podem ser associadas às variações de indicadores, como a taxa de juros, inflação, taxa de câmbio, taxa de desemprego, entre outras variáveis. Tais oscilações de expansão e recessão na economia são conhecidas como ciclos econômicos e a vulnerabilidade do setor cíclico a este fator ocorre devido à sua forte dependência com o padrão de consumo das famílias, que se altera conforme as mudanças na renda nacional, afetando diretamente o desempenho dessas empresas (Pandini; Stupp; Fabre, 2018).

De forma recorrente, a literatura caracteriza os produtos e serviços fornecidos pelo setor de consumo cíclico como não essenciais ou discricionários, dado que são gastos que podem ser facilmente adiados pelos indivíduos, como atividades de lazer, vestuário, restaurantes e shows (Shin; Park; Kim, 2024; Ferreira *et al.*, 2021; Massoquetto *et al.*, 2023). Sob outro enfoque, esses bens também são comumente denominados como duráveis, por serem geralmente relacionados a itens onerosos, como casas, automóveis e eletrodomésticos (Sheth, 2020; Teixeira *et al.*, 2022; Pindyck; Rubinfeld, 2013).

Tendo em vista o período de prosperidade econômica vivenciado pelo Brasil entre os anos de 2000 e 2006, as empresas de consumo cíclico alcançaram o melhor desempenho econômico-financeiro em comparação com os demais subsetores da bolsa de valores, o que revela a importância deste setor para o mercado (Silva *et al.*, 2007).

Contudo, durante os anos de 2008 a 2019, a economia e, consequentemente, as entidades do setor cíclico passaram por diversos momentos de instabilidade. De acordo com o Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2023), o Brasil apresentou entre esses anos dois períodos de recessão econômica, sendo que o primeiro registrou uma queda de -5,1% no PIB e o segundo atingiu o vale de -8,0%.

A recessão econômica mundial provocada pela pandemia da COVID-19 criou um ambiente de incertezas para os empresários. Com o avanço da disseminação do vírus, diversos países adotaram políticas para mitigar seus impactos e promover uma recuperação econômica eficaz (McKibbin; Fernando, 2023). Por essa razão, medidas de *lockdown* interromperam as atividades empresariais em escala global, resultando em uma contração do crescimento econômico (Clemente-Suárez *et al.*, 2021).

Com as políticas de bloqueio na pandemia, os hábitos de consumo da população se modificaram. Um dos aspectos observados por Britez, Fernández e Frank (2020) quanto à mudança no comportamento do consumidor foi a diminuição do consumismo, ou seja, a postergação do consumo de bens e serviços que não são de primeira necessidade. Nesse sentido, o reflexo da transformação do comportamento do consumidor se deu nas despesas de consumo das famílias no país, que, em relação a 2019, registrou uma queda de -5,5% em 2020, na qual colaborou para a retração de -4,1% no PIB, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020).

Ainda no contexto das modificações comportamentais no consumo, durante a pandemia, Sheth (2020) observou que as restrições sociais levaram os consumidores a fazer compras *online*. Isso criou uma oportunidade para as empresas de varejo capturarem clientes, que antes compravam em estabelecimentos físicos, por meio dos canais de *e-commerce*, *marketplaces* e do *delivery*, os quais já vinham ganhando espaço no mercado brasileiro e no mundo (Rezende; Marcelino; Miyaji, 2020; Junior; Divieso, 2020).

A transformação digital também foi crucial para as empresas de outros segmentos, as quais adotaram o uso da tecnologia para alcançar o cliente, desde a implantação de canais de venda e atendimento ao consumidor *online* até a inclusão do ensino à distância. De forma análoga ao comércio varejista, os negócios que já possuíam afinidade com o cenário digital ganharam vantagem competitiva no mercado (Massoquetto *et al.*, 2023; Colares; Gouvêa; Costa, 2021).

Dentre outras ações implementadas para atenuar as consequências da crise pandêmica ressaltam-se o incentivo às políticas de remarcação de reservas, serviços e eventos; a redução de despesas fixas, como salários, *marketing* e aluguéis; a suspensão de investimentos em ativos fixos e fortalecimento de caixa e a renegociação da concessão de crédito para reduzir o risco de inadimplência. (Emmendoerfer; Biz, 2020; Silva; Prestes; Pedrotti, 2022; Brandão *et al.*, 2024).

Com relação ao ambiente econômico após a turbulência causada pela COVID-19, pode-se afirmar que esse é caracterizado por desafios, seja no controle da inflação e na consequente elevada taxa de juros ou nas sucessivas altas no dólar (Torres; Junqueira; Pila, 2025).

De acordo com a análise de Júnior (2025), o endividamento das famílias teve uma tendência de crescimento linear entre os anos de 2021 a 2024, fator que pode estar relacionado às dificuldades orçamentárias da população devido ao cenário macroeconômico desfavorável para o consumo.

Já Francisco *et al.* (2025), em sua análise setorial das empresas de capital aberto da B3, verificaram que o setor de consumo cíclico apresentou um desempenho insatisfatório através das variáveis analisadas. Além disso, há um predomínio de empresas que demonstram situação financeira regular durante e após a pandemia, ao passo que na pré-pandemia o cenário era “bom” para a maioria das entidades do setor.

Ao abordar um dos setores de consumo cíclico, como o de turismo, Sousa *et al.* (2024) mostram uma tendência de declínio da capacidade de pagamento e reflexos negativos nos índices de estrutura de capital durante e após a pandemia, o que entra em acordo com o estudo de Francisco *et al.* (2024) quanto à insuficiência nos recursos financeiros e operacionais para saldar as dívidas com terceiros.

Com base no cenário apresentado, este estudo apresenta as seguintes hipóteses de pesquisa:

H1: os indicadores econômico-financeiros do setor de consumo cíclico foram impactados negativamente durante a pandemia.

H2: os indicadores econômico-financeiros do setor de consumo cíclico, negativamente impactados pela pandemia, apresentaram recuperação aos níveis anteriores no período pós-pandêmico.

Para testar essas hipóteses, é preciso entender o panorama econômico das companhias cíclicas antes, durante e após a crise, identificar os índices que podem ser vulneráveis à economia e compará-los nas três fases, para que se tenha um diagnóstico adequado sobre os efeitos da pandemia.

3 METODOLOGIA

A população desta pesquisa foi constituída por 91 empresas que se enquadram no setor de consumo cíclico da B3, sendo divididas nos seguintes subsetores: Construção Civil; Tecidos, Vestuário e Calçados; Utilidades Domésticas; Automóveis e Motocicletas; Hotéis e Restaurantes; Viagens e Lazer; Diversos; e Comércio Varejista. Já a amostra que compôs a

análise está ilustrada no Quadro 1. Devido à ausência de alguns dados na delimitação temporal estudada, algumas entidades do setor ficaram de fora da análise, totalizando, assim, uma amostra de 24 empresas.

Quadro 1 – Amostra das empresas estudadas

Empresas	Subsetor	Amostra
CYRE	Construção Civil	10
DIRR		
EVEN		
EZTC		
HBOR		
MDNE		
MRVE		
TCSA		
TRIS		
CEDO	Tecidos, Vestuário e Calçados	5
CATA		
PTNT		
ALPA		
GRND		
WHRL	Utilidades Domésticas	1
MYPK	Automóveis e Motocicletas	2
LEVE		
COGN	Diversos	3
YDUQ		
RENT		
AZZA	Comércio Varejista	3
GUAR		
LREN		
Total da amostra		24

Fonte: Elaboração própria adaptada do site da B3 (2025)

A coleta de dados foi conduzida por meio da base de dados Economatica®, que usa as informações constantes nas seguintes demonstrações contábeis: Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício. É importante ressaltar que, para que houvesse a inclusão do ano de 2024, foram coletados os dados trimestrais.

Dado que as medidas de *lockdown* recomendadas pela OMS iniciaram-se em meados de março de 2020 no Brasil, a delimitação temporal do presente estudo compreendeu três períodos, que totalizaram 59 trimestres:

- a) um período pré-pandemia, a partir do 1º trimestre de 2010 até o 4º trimestre de 2019;
- b) um período que define a pandemia, que envolve o 1º trimestre de 2020 até o 4º trimestre de 2021; e,
- c) um período de pós-pandemia, que abrange o 1º trimestre de 2022 até o 3º trimestre de 2024.

Embora o fim da Emergência de Saúde Pública tenha sido decretado em maio de 2023 pela OMS, para maior precisão na análise foi necessário também a inclusão do ano de 2022 como pós-pandemia, considerando que a partir desse ano boa parte da população já havia sido

imunizada em razão da evolução no processo de vacinação e que a economia já apresentava sinais de retomada (Gelatti; Afonso, 2024).

Para a realização da análise, buscou-se identificar quais indicadores financeiros possuem maior influência sobre o setor de consumo cíclico e demonstram maior sensibilidade às variações macroeconômicas, podendo ser mais suscetíveis aos efeitos da pandemia.

Assim, com base nos resultados das pesquisas de Pandini; Stupp; Fabre, (2018) e Oliveira *et al.* (2021), os indicadores de desempenho selecionados foram os seguintes: Liquidez Corrente (LC), Liquidez Seca (LS), Liquidez Geral (LG), Composição do Endividamento (CE), Participação de Capital de Terceiros (PCT), Rentabilidade sobre o Ativo (ROA), Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido (ROE) e Margem de Lucro Líquido (MLL).

Dado o método de avaliação empresarial proposto por Matarazzo (2010), cujo propósito é destrinchar a situação financeira e econômica da entidade por meio da análise de índices, as variáveis foram reunidas em três grupos: liquidez, endividamento e rentabilidade. Com isso, torna-se possível otimizar a análise, visto que os indicadores estão organizados conforme a semelhança de suas características.

Quadro 2 – Indicadores econômico-financeiros utilizados na análise

Variáveis de desempenho		Fórmula
Liquidez	Liquidez Corrente (LC)	$\frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$
	Liquidez Seca (LS)	$\frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}}{\text{Passivo Circulante}}$
	Liquidez Geral (LG)	$\frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante}}$
Endividamento	Composição do Endividamento (CE)	$\frac{\text{Passivo Oneroso (Curto Prazo)}}{\text{Passivo Oneroso Total}}$
	Participação de Capital de Terceiros (PCT)	$\frac{\text{Passivo Oneroso Total}}{\text{Patrimônio Líquido}}$
Rentabilidade	Rentabilidade sobre o Ativo (ROA)	$\frac{\text{Lucro Operacional}}{\text{Ativo Total}}$
	Rentabilidade sobre O Patrimônio Líquido (ROE)	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}}$
	Margem de Lucro Líquido (MLL)	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Receita de Vendas}}$

Fonte: Adaptado a partir de Pandini; Stupp; Fabre, (2018) e Oliveira *et al.* (2021)

A primeira fase do estudo foi conduzida mediante análise de estatística descritiva, na qual consistiu na realização de uma análise comparativa das principais medidas de tendência central e de dispersão, tais como média, mediana e desvio-padrão para cada índice nos períodos pré-pandemia (2010-2019), pandemia (2020-2021) e pós-pandemia (2022-2024).

As medidas de tendência central são importantes para detectar quais são os valores que representam uma série de dados, enquanto que as medidas de dispersão servem para ressaltar a

variabilidade em torno desse valor central, tomado como critério comparativo (Crespo, 2009). Portanto, devido à alta dispersão dos dados em relação à média, optou-se por focar na análise da mediana.

Na segunda etapa da pesquisa, foi aplicado o teste de Shapiro-Wilk constatando que os dados não seguiam uma distribuição normal. Por isso, devido a distribuição dos dados, foram adotados testes não paramétricos para a execução desta pesquisa. O teste adotado para esse estudo foi o de Kruskal-Wallis, no qual utiliza os postos correspondentes aos valores do conjunto de dados em vez dos dados originais, sendo mais adequado para amostras que possuem valores muito extremos, como é o caso desse trabalho. Ademais, o teste é empregado quando se tem três ou mais amostras independentes, portanto, tendo em vista a existência de três grupos a serem analisados (pré-pandemia, pandemia e pós-pandemia), este é o método mais apropriado.

Posteriormente ao teste de Kruskal-Wallis, efetuou-se o teste *post-hoc* de Dunn com correção de Bonferroni para múltiplas comparações, no intuito de investigar quais grupos são diferentes dos demais, caso a hipótese nula (H_0) do teste de Kruskal-Wallis fosse rejeitada. É interessante mencionar que, para todos os testes empregados, o nível correspondente de significância foi de 5%.

Os cálculos para a análise de estatística descritiva e para os testes estatísticos, bem como a tabulação dos resultados da pesquisa para melhor ilustração dos achados obtidos foram feitos na plataforma Microsoft Excel 2016.

As limitações quanto aos métodos adotados são relativas à escolha do recorte temporal, uma vez que algumas empresas não possuíam dados trimestrais ou dados mais antigos por terem realizado a Oferta Pública Inicial (IPO) depois do primeiro período considerado para o estudo. Por isso, a amostragem pode conter viés, uma vez que não engloba todas as empresas do setor. Ademais, o tratamento abrangente do setor pode ter ocultado implicações específicas, tendo em vista a particularidade de cada empresa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Estatística descritiva

4.1.1 Indicadores de liquidez

Conforme dado na Tabela 1, o desvio-padrão dos indicadores de liquidez nos três períodos analisados possui valores elevados, sinalizando comportamentos diferentes da variável liquidez entre as companhias. Dada as particularidades de cada entidade inserida no setor, os gestores podem ter tomado decisões divergentes quanto às políticas de caixa, investimento e aplicação de recursos, gerando a disparidade representada pelo desvio-padrão.

Durante a pré-pandemia, pode-se observar que o indicador de Liquidez Corrente possui uma mediana favorável, tendo em vista que, conforme Matarazzo (2010), quanto maior o valor dos índices de liquidez, melhor. Entretanto, nota-se que as medianas diminuíram ao longo dos períodos, o que revela que as empresas do setor tiveram dificuldades na capacidade de pagamento, corroborando os estudos de Sousa *et al.* (2024), que trabalhou com as empresas do ramo turístico.

Tabela 1 - Estatística descritiva dos indicadores de liquidez

Índices	Pré-pandemia (1T 2010- 4T 2019)				Pandemia (1T 2020 - 4T 2021)				Pós-pandemia (1T 2022 - 3T 2024)			
	Obs.	Média	Mediana	Desvio-padrão	Obs.	Média	Mediana	Desvio-padrão	Obs.	Média	Mediana	Desvio-padrão
LC	960	2,5064	2,1838	1,4845	192	2,5328	2,0836	1,7077	264	2,539	1,9805	1,6288
LS	960	1,8064	1,4956	1,2882	192	1,702	1,3146	1,3537	264	1,6083	1,3444	1,0724
LG	960	1,7615	1,3883	1,5729	192	1,7902	1,273	2,0292	264	1,5948	1,2475	1,5745

Fonte: Elaboração própria (2025)

De maneira análoga ao índice anterior, a Liquidez Seca demonstra uma situação positiva no momento anterior à pandemia. Na sequência, o indicador sofreu uma redução durante a crise da COVID-19, o que sugere que as empresas demonstraram problemas para arcar com suas dívidas sem a ajuda dos estoques durante a crise. Já no momento posterior, o setor demonstra sinais de recuperação, com uma suave elevação de 1,31% para 1,34%.

Os resultados dos índices de liquidez de curto prazo se tornam condizentes com Francisco *et al.* (2025) quando, em seu trabalho, os valores medianos da variável Capital de Giro, apesar de positivos, apresentam um declínio depois da pré-pandemia, indicando uma gestão ineficiente dos recursos de curto prazo, que parecem se perpetuar até os dias atuais.

Ao representar a liquidez de longo prazo, o índice de Liquidez Geral aponta para uma situação favorável antes da pandemia, embora seja o menor dentre os demais índices de liquidez. Nos períodos subsequentes, este índice apresentou os valores de 1,27% e 1,25% na pandemia e após a pandemia, respectivamente. Essa situação entra em conformidade com Sousa *et al.* (2024) ao evidenciar que as entidades do setor foram afetadas pela pandemia, dado que a capacidade de pagamento a longo prazo não revelou indícios de melhoria após a crise econômica.

Apesar das medidas de priorização do caixa, vendas *online* e suspensão de investimentos, conforme Silva, Prestes e Pedrotti (2022), a liquidez do setor mostrou-se prejudicada, explicada, possivelmente, pela gestão inadequada do capital de giro e na incorreta adequação dos prazos das captações de recursos com as suas respectivas aplicações.

O pós-pandemia demonstra uma recuperação para o índice de Liquidez Seca, que pode ter decorrido do retorno gradativo das vendas físicas, reduzindo o estoque parado. Para os demais índices, o retorno das atividades e das vendas presenciais não parece ter sido suficiente para elevar a liquidez das firmas, o que reflete possíveis adversidades enfrentadas no gerenciamento de recursos.

4.1.2 Indicadores de endividamento

Os indicadores de endividamento obtiveram reações diversas quanto ao desvio-padrão (Tabela 2). Em comparação com a Composição do Endividamento, cujo desvio-padrão foi baixo em todos os períodos, a Participação de Capital de Terceiros variou mais em relação à média. Tal comportamento aponta para uma maior homogeneidade entre as empresas nas políticas de financiamento de curto prazo, ao passo que as escolhas por captação de dívidas externas em detrimento do uso do capital próprio sugerem ações diferentes entre os gestores.

Sob enfoque do índice de Composição do Endividamento, pode-se visualizar que, antes da pandemia, a sua mediana possuía um valor baixo, situação que parece positiva segundo a proposição de Matarazzo (2010) quanto aos índices de endividamento serem melhores à medida que seus valores forem menores. Nas fases posteriores, o índice de Composição do Endividamento obteve uma queda que pode ser interpretada como uma visão estratégica para evitar situações de aperto na liquidez, dada uma possível diminuição das dívidas de curto prazo ou aumento das dívidas de longo prazo.

Tabela 2 - Estatística descritiva dos indicadores de endividamento

Índices	Pré-pandemia (1T 2010- 4T 2019)				Pandemia (1T 2020 - 4T 2021)				Pós-pandemia (1T 2022 - 3T 2024)			
	Obs.	Média	Mediana	Desvio-padrão	Obs.	Média	Mediana	Desvio-padrão	Obs.	Média	Mediana	Desvio-padrão
CE	960	0,4143	0,3996	0,2211	192	0,3576	0,2935	0,2434	264	0,35	0,2635	0,257
PCT	960	1,3700	1,1241	1,3491	192	1,4366	1,2068	0,8497	264	1,5592	1,3258	1,0377

Fonte: Elaboração própria (2025)

Em contrapartida, o indicador Participação de Capital de Terceiros apresentou índices altos desde a pré-pandemia, saindo de uma mediana de 112,41% para uma mediana em torno de 120% na pandemia. Após a crise pandêmica, o padrão de crescimento se manteve, visto que o índice alcançou uma mediana de 132,58%. Em vista disso, a série de aumentos no PCT sugere que o setor passou a depender mais de capitais de terceiros com o advento da COVID-19, fato que coincide com Sousa *et al.* (2024).

Cota, Theiss e Vogt (2021) afirmam que contrair empréstimos e financiamentos durante uma crise econômica como a da COVID-19 foi inevitável. Assim, o aumento do indicador PCT entre 2020 e 2021 é justificado, dada a situação de emergência. Contudo, ao alinhar o comportamento dos indicadores de endividamento com os indicadores de liquidez, percebe-se que a captação de recursos com terceiros não está sendo suficiente para suprir o caixa, evidenciando possíveis problemas na situação financeira das companhias.

Além disso, a continuidade desse padrão de comportamento no pós-pandemia pode indicar problemas internos na administração da estrutura de capital das empresas ou fatores externos como novas ondas do vírus e guerras internacionais, como observado por Júnior (2025), motivos esses que podem acarretar na diminuição de investimentos para financiar as operações do negócio e no consequente aumento do endividamento.

4.1.3 Indicadores de rentabilidade

Os indicadores de rentabilidade, conforme ilustrados na Tabela 3, obtiveram respostas semelhantes quanto ao desvio-padrão nos períodos estudados, salvo a Margem de Lucro Líquido na pré-pandemia. Nesse sentido, entende-se que houve certa estabilidade nas taxas de retorno entre as firmas, advindas de prováveis medidas administrativas ou efeitos externos que atingiram de forma similar a rentabilidade do setor.

No momento pré-pandemia, o índice Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido possui uma mediana abaixo do recomendado se comparar com a média da taxa básica de juros durante este período. Conforme Oliveira *et al.* (2021), essa média corresponde a 9,35% entre 2010 e

2020, o que justifica que o ROE dessas empresas já não apresentava atratividade. Verifica-se, ainda, uma queda durante o período pandêmico e uma sutil redução no período seguinte. Segundo Teixeira *et al.* (2022), muitas empresas já vinham tendo resultados baixos antes da pandemia abalar a economia. Contudo, a conjuntura de isolamento social pode ter acarretado a piora dos indicadores, que não demonstrou sinais de recuperação após a crise.

Tabela 3 - Estatística descritiva dos indicadores de rentabilidade

Índices	Pré-pandemia (1T 2010- 4T 2019)				Pandemia (1T 2020 - 4T 2021)				Pós-pandemia (1T 2022 - 3T 2024)			
	Obs.	Média	Mediana	Desvio-padrão	Obs.	Média	Mediana	Desvio-padrão	Obs.	Média	Mediana	Desvio-padrão
ROE	960	0,0306	0,0336	0,0606	192	0,0225	0,0251	0,0531	264	0,0247	0,0242	0,046
ROA	960	0,0158	0,0151	0,0222	192	0,0103	0,0104	0,024	264	0,0103	0,0107	0,022
MLL	960	0,0226	0,0945	1,0483	192	0,0163	0,0942	0,4913	264	0,0788	0,0843	0,1616

Fonte: Elaboração própria (2025)

Assim como o ROE, a Rentabilidade sobre o Ativo demonstra um desempenho desfavorável na pré-pandemia, cujo comportamento foi acentuado no período pandêmico. O indicador, contudo, revelou sinais muito sutis de melhora, saindo de uma mediana de 1,04% para 1,07%. Devido ao fechamento temporário dos estabelecimentos físicos, este indicador possivelmente foi afetado pela redução de vendas ou pelo aumento de estoque estagnado. A atenuação desses fatores pode ter vindo com a retomada da economia, contudo, não foi suficiente para causar uma melhora expressiva na eficiência em transformar os ativos em lucro.

Por fim, a Margem de Lucro Líquido apresenta a mesma configuração dos demais indicadores de rentabilidade na pré-pandemia, ou seja, desfavorável. Silva, Prestes e Pedrotti (2022) constataam que todas as empresas cíclicas analisadas em seu estudo adotaram a estratégia de redução e controle de despesas, o que pode ter ajudado na queda inexpressiva da MLL durante a pandemia. Os resultados foram mais prejudicados, sobretudo, no período pós-pandemia, revelando que, possivelmente, os efeitos foram mais sentidos após a crise.

Em síntese, os indicadores de rentabilidade evidenciaram que as empresas já vinham apresentando desafios quanto à eficiência na geração de retorno, e que, com o impacto da pandemia, tais desafios foram intensificados. Com o decreto de *lockdown* várias empresas tiveram maiores dificuldades de vender seus produtos e serviços, fator que afetou as receitas de forma significativa (Massoquetto *et al.*, 2023).

Embora os indícios de resiliência do ROA pareçam um sinal de recuperação da rentabilidade do setor, os demais indicadores demonstram adversidades para se manter ao nível pré-pandemia. Com a economia brasileira cada vez mais desfavorável para o consumo, no qual a taxa básica de juros está cada vez mais alta, possivelmente as entidades enfrentam dificuldades de retomar ao ritmo de vendas anterior à crise (Torres; Junqueira; Pila, 2025; Júnior, 2025).

4.2 Teste de Shapiro-Wilk

Com o propósito de verificar a normalidade da distribuição dos dados, foi utilizado o teste de Shapiro-Wilk, conforme a Tabela 4.

Tabela 4 - Teste de Shapiro-Wilk dos indicadores econômico-financeiros

Índices	W	p-valor	Conclusão
LC	0,7755	0,0000**	Os dados não seguem distribuição normal
LS	0,7005	0,0000**	Os dados não seguem distribuição normal
LG	0,5969	0,0000**	Os dados não seguem distribuição normal
CE	0,957	0,0000**	Os dados não seguem distribuição normal
PCT	0,6484	0,0000**	Os dados não seguem distribuição normal
ROE	0,754	0,0000**	Os dados não seguem distribuição normal
ROA	0,8684	0,0000**	Os dados não seguem distribuição normal
MLL	0,1538	0,0000**	Os dados não seguem distribuição normal

Nota: ** significativo ao nível de 5%. Fonte: Elaboração própria (2025).

O teste seguiu as seguintes hipóteses: hipótese nula (H_0) = os dados seguem distribuição normal e hipótese alternativa (H_1) = os dados não seguem distribuição normal. Com isso, verifica-se que os resultados do teste rejeitaram a hipótese nula para todos os índices, assumindo que os dados não seguem uma distribuição normal.

4.3 Teste de Kruskal-Wallis

Em vista dos dados não seguirem distribuição normal, foi empregado o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis que identifica, através de *ranks*, se as distribuições entre os períodos possuem diferença estatística significativa. A hipótese nula (H_0) do teste é de que todas as populações possuem funções de distribuição iguais, ao passo que a hipótese alternativa (H_1) é de que ao menos uma das populações possuem funções de distribuição diferentes. Caso o p-valor resultante seja um valor inferior a 5% ($p\text{-valor} < 0,05$), a hipótese nula é rejeitada.

Tabela 5 - Teste de Kruskal-Wallis dos indicadores econômico-financeiros

Índices	H	df	p-valor	Conclusão
LC	0,9482	2	0,6224	Não há diferença significativa entre os períodos
LS	13,2297	2	0,0013**	Há diferença significativa entre os períodos
LG	17,6484	2	0,0001**	Há diferença significativa entre os períodos
CE	42,2095	2	0,0000**	Há diferença significativa entre os períodos
PCT	19,7081	2	0,0001**	Há diferença significativa entre os períodos
ROE	21,5774	2	0,0000**	Há diferença significativa entre os períodos
ROA	31,1304	2	0,0000**	Há diferença significativa entre os períodos
MLL	2,7864	2	0,2483	Não há diferença significativa entre os períodos

Nota: ** significativo ao nível de 5%. Fonte: Elaboração própria (2025).

Sendo assim, é possível extrair dos resultados do teste que houve diferença significativa para os índices LS, LG, CE, PCT, ROE e ROA, o que confirma a premissa de que as empresas do setor de consumo cíclico são afetadas de acordo com os ciclos econômicos e, portanto, por

períodos de recessão, como as crises econômicas (Pandini; Stupp; Fabre, 2018; Oliveira *et al.*, 2021).

4.4 Teste de Dunn

Com o propósito de investigar quais pares de grupos os indicadores acusaram diferença significativa, o teste *post-hoc* de Dunn foi realizado. As evidências mostram que os indicadores de liquidez (LS e LG), de endividamento (CE e PCT) e rentabilidade (ROE e ROA) tiveram diferenças significativas nos períodos pré-pandemia x pandemia e pré-pandemia x pós-pandemia, o que sugere que as principais mudanças ocorreram partindo da fase pré-pandemia para os períodos subsequentes.

De modo geral, pode-se inferir que a pandemia teve um impacto significativo nos indicadores supracitados, impacto esse que não se intensificou entre o período da pandemia e do pós-pandemia, refletindo certa estabilidade dos indicadores após o choque inicial.

Tabela 6 - p-valor ajustado do teste post-hoc de Dunn entre os períodos

Índices	Pré-pandemia x pandemia	Pré-pandemia x pós-pandemia	Pandemia x pós-pandemia
LS	0,0112**	0,0024**	0,9091
LG	0,0139**	0,0001**	0,458
CE	0,0001**	0,0000**	0,3792
PCT	0,0110**	0,0001**	0,3948
ROE	0,0023**	0,0001**	0,683
ROA	0,0003**	0,0000**	0,5633

Nota: ** significativa a 5%. Fonte: Elaboração própria (2025).

Sendo assim, as conclusões obtidas para os índices LS, LG, PCT, ROE e ROA validam a primeira hipótese (H1) levantada para esse estudo, cuja premissa era de que os indicadores econômico-financeiros foram afetados negativamente pela pandemia. Para o indicador CE, entretanto, considera-se que o impacto foi positivo, já que sua mediana diminuiu ao longo dos períodos. Em termos gerais, tais constatações entram em conformidade com a análise descritiva, exceto para os índices LC e MLL, que haviam apresentado um desempenho negativo em suas medianas e, mesmo assim, não demonstraram diferenças significativas.

Em contrapartida, a segunda hipótese (H2) é refutada para os índices LS, LG, PCT, ROE e ROA, já que não houve indícios relevantes de recuperação no pós-pandemia ao nível pré-pandemia. A presente hipótese, ainda, não se aplica ao índice CE, já que o comportamento deste refutou a hipótese anterior, e aos índices LC e MLL, visto que estes não apresentaram quaisquer diferenças significativas, indicando que a crise sanitária não teve efeito sobre o desempenho de ambos.

As possíveis razões para esse comportamento, ora mencionadas na estatística descritiva, se devem ao fato de que, com as medidas de isolamento social decorrentes da crise sanitária, diversas empresas tiveram recuo em suas vendas, fato que provocou o aumento da captação de empréstimos, que não foi o suficiente para conter os danos na liquidez. Tais aspectos, todavia, não tiveram grandes alterações após a retomada econômica, o que evidencia a estabilidade citada.

Os achados dessa pesquisa são, portanto, coerentes com a literatura no que se refere aos impactos provocados por crises econômicas e períodos de recessão no setor de consumo cíclico. A pandemia atingiu a economia de tal forma que exigiu ações rápidas dos gestores para mitigar os efeitos, o que aparentemente foi desafiador.

Com a retomada da economia, a conjuntura econômica pós-pandêmica foi marcada por sucessivos aumentos na taxa de juros e o desafio constante de controlar a inflação. Por isso, os resultados encontrados são consistentes, uma vez que o custo elevado do crédito aliado à subida nos preços dos produtos inibe o consumo e desestimula a atividade econômica. As consecutivas altas na taxa de câmbio também é um fator a se considerar, pois os investimentos em empresas brasileiras tendem a cair, afetando, assim, o seu desempenho (Torres; Junqueira; Pila, 2025).

Dessa maneira, os resultados encontrados corroboram os achados de Teixeira *et al.* (2022), que constatou diferença nas medianas dos indicadores de liquidez e rentabilidade ao comparar quatro períodos de crise econômica. As conclusões obtidas também são compatíveis com as de Massoquetto *et al.* (2023) quanto ao endividamento, mensurado, em sua pesquisa, pela relação do capital de terceiros com o ativo total.

Cota, Theiss; Vogt (2021), por sua vez, observaram em seu trabalho achados divergentes ao desta pesquisa, uma vez que não houve mudanças relevantes no desempenho das empresas estudadas dentro do contexto pandêmico. Pode-se dizer que, devido às diferentes metodologias aplicadas em cada estudo, os resultados podem diferir de uma pesquisa para outra.

Por fim, ao avaliar variáveis alternativas à do presente estudo, Francisco *et al.* (2025) encontraram resultados condizentes ao desta pesquisa, pois identificaram diferenças significativas nos indicadores de capital de giro do setor de consumo cíclico nos momentos antes, durante e após a pandemia, demonstrando que, de fato, a pandemia atingiu as empresas do setor.

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar o comportamento dos principais índices de desempenho econômico-financeiro das empresas do setor de consumo cíclico listadas na B3 antes, durante e após a pandemia. As métricas utilizadas para medir o desempenho econômico-financeiro das entidades foram os indicadores de liquidez (LC, LS e LG), endividamento (CE e PCT) e rentabilidade (ROE, ROA e MLL).

Conforme consta na literatura, empresas situadas no setor de consumo cíclico são predominantemente afetadas por recessões econômicas, que podem ser causadas por fatores como políticas monetárias, guerras, crises financeiras e econômicas, entre outros. Tais variáveis tendem a interferir no desempenho deste setor, o que faz mister uma investigação de seu comportamento diante da crise mais recente.

Os achados desse estudo demonstram, de modo geral, uma piora dos indicadores econômico-financeiros. A análise de estatística descritiva comprova um desempenho negativo da maioria dos indicadores, com exceção para a Composição do Endividamento. Os índices de Liquidez Seca e Rentabilidade sobre o Ativo tiveram indícios sutis de recuperação no pós-pandemia, contudo, continuam abaixo do que é considerado favorável.

O teste não paramétrico de Kruskal-Wallis revelou diferença estatística significativa entre os períodos para os índices LS, LG, CE, PCT, ROE e ROA, o que gerou a necessidade de fazer um teste posterior (teste de Dunn) para detectar em quais intervalos de tempo houve tal mudança.

As alterações observadas se deram entre os períodos pré-pandemia x pandemia e pré-pandemia x pós-pandemia, não ocorrendo nenhuma mudança significativa entre a pandemia e o pós-pandemia, sugerindo que os maiores impactos aconteceram tomando como base o período anterior à crise econômica da COVID-19.

Em linhas gerais, os reflexos negativos que a pandemia trouxe para a maioria dos indicadores econômico-financeiros estudados ratificam a primeira hipótese inicialmente levantada, na qual os indicadores econômico-financeiros do setor de consumo cíclico seriam impactados negativamente durante a pandemia. Por outro lado, a ausência de mudanças estatisticamente relevantes entre a pandemia e o pós-pandemia refutam a segunda hipótese da pesquisa, em que os indicadores econômico-financeiros, negativamente impactados pela pandemia, apresentariam recuperação aos níveis anteriores no período pós-pandêmico, não evidenciando quaisquer indicativos de melhoria no desempenho das companhias.

O presente trabalho oferece contribuições relevantes para a academia, gestores e investidores, a saber: (i) achados que podem fornecer conhecimentos úteis para melhor administração das empresas em tempos de crise; (ii) informações comparativas que podem servir de parâmetro para os gestores; (iii) preencher lacunas na literatura acadêmica quanto ao desempenho do consumo cíclico com a inserção do pós-pandemia e; (iv) análises que podem ajudar os investidores a detectar empresas sólidas e com boa capacidade de resiliência.

Logo, sugere-se para pesquisas futuras uma apuração mais aprofundada sobre como cada subsetor ou segmento do consumo cíclico reagiu após a crise, considerando suas especificidades. Deixa-se como sugestão, ainda, a inclusão de métodos que associem as variáveis macroeconômicas aos índices econômico-financeiros das entidades pós-crise, a fim de detectar possíveis efeitos da economia brasileira sobre as empresas deste setor, ou até mesmo, dos demais setores da B3. Por fim, recomenda-se a inserção de mercados estrangeiros para fins de comparação.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e Análise de Balanços: Um Enfoque Econômico-financeiro**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2023.

ASSAF NETO, Alexandre. **Finanças Corporativas e Valor**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2020.

BRANDÃO, Sueydy Cordeiro Gomes *et al.* **Avaliação da insolvência da B3 nos períodos pré e pós pandêmico: estudo de caso indústria têxtil e de confecções**. *JPM - Journal of Perspectives in Management*. 2024, p. 1-15. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2594-8040.2024.262528>. Acesso em: 9 set. 2024.

BRASIL, BOLSA, BALCÃO (B3). **Classificação Setorial B3: A Bolsa do Brasil**. 2024. Disponível em: https://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/acoes/consultas/classificacao-setorial/. Acesso em: 25 ago. 2024.

BRITEZ, Luciana; FERNÁNDEZ, Eugenia; FRANK, Yael. **La evolución del e-commerce en tiempos de pandemia, del sector supermercadista en la zona norte de GBA**. Escuela de Economía y Negocios. 2020. Disponível em:



<https://ri.unsam.edu.ar/bitstream/123456789/1466/1/TFPP%20EEYN%202020%20BL-FE-FY.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2025.

CLEMENTE-SUÁREZ, Vicente Javier *et al.* **The Impact of the COVID-19 Pandemic on Social, Health, and Economy.** Sustainability. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su13116314>. Acesso em: 5 out. 2024.

COLARES, Ana Carolina Vasconcelos; GOUVÊA, Diogo Augusto Pfau; COSTA, Joyce Souza. **Impactos da pandemia da COVID-19 no setor de construção civil.** Percurso Acadêmico - Revista Interdisciplinar da PUC Minas no Barreiro. Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2236-0603.2021v11n21p188-208>. Acesso em: 11 set. 2024.

COMITÊ DE DATAÇÃO DE CICLOS ECONÔMICOS (CODACE). **Datação de ciclos econômicos.** Fundação Getúlio Vargas. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3vegasU>. Acesso em: 09 set. 2024.

COTA, Guilherme Sestrem ; THEISS , Viviane ; VOGT, Mara . **A Pandemia de Covid-19 no Desempenho das Empresas de Consumo Cíclico Listadas na B3.** Anais - 11º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças. Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/230097>. Acesso em: 6 out. 2024.

CRESPO, Antônio Arnot. **Estatística fácil.** 19 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

EMMENDOERFER, Luana; BIZ, Alexandre Augusto. **PERSPECTIVAS INICIAIS DOS IMPACTOS DA COVID-19 NO TURISMO DO ESTADO DE SANTA CATARINA – BRASIL.** Revista Turismo & Cidades. 2020. 139–152 p. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/turismoecidades/article/view/14763>. Acesso em: 6 out. 2024.

FERREIRA, Joao-Pedro *et al.* **The impact of COVID-19 on global value chains: Disruption in nonessential goods production.** Regional Science Policy & Practice. 2021, p. 32-54. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/rsp3.12416>. Acesso em: 11 set. 2024.

FRANCISCO, José Roberto de Souza *et al.* **INFLUÊNCIA DA PANDEMIA DE COVID-19 SOBRE AS ESTRUTURAS FINANCEIRAS DAS EMPRESAS BRASILEIRAS: USO DO MODELO DINÂMICO.** Journal Of Accounting, Management, Economics and Sustainability. 2025. Disponível em: <https://periodicojames.com.br/index.php/james/article/view/31>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GELATTI, Elisangela; AFONSO, Paulo Fernando do Nascimento. **DESEMPENHO DE CARTEIRAS COM DIVERSIFICAÇÃO DE ATIVOS LOCAIS E INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE PARA O PERÍODO DE PANDEMIA E PÓS-PANDEMIA DO COVID-19.** SINERGIA - Revista do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis (ICEAC). 2024. 123–141 p. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/2236-7608-v28n1-16789>. Acesso em: 2 out. 2024.

HARALAYYA, Bhadrappa. **Ratio Analysis at NSSK, Bidar**. Iconic Research And Engineering Journals. 2021, p. 170-182. Disponível em: <https://www.irejournals.com/paper-details/1702793>. Acesso em: 10 set. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores IBGE: contas nacionais trimestrais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=72121> Acesso em: 09 set. 2024.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de Balanços**, 11ª edição. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2017.

JACINTHO, Vinícius; KROENKE, Adriana. **Indicadores econômico-financeiros de empresas brasileiras: uma comparação entre setores**. REVISTA AMBIENTE CONTÁBIL - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2021. 90–113 p. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2176-9036.2021v13n1ID19365>. Acesso em: 6 out. 2024.

JÚNIOR, Biagio de Oliveira Mendes. **COMÉRCIO**. Caderno Setorial ETENE. 2025. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/revista/cse/article/view/3136>. Acesso em: 10 mar. 2025.

JUNIOR, Orlando Fontes Lima; DIVIESO, Ester. **O CRESCIMENTO DA LOGÍSTICA DE BAIXO CONTATO**. Diálogos Acadêmicos IESCAMP –ReDAI. 2020, p. 22-29. Disponível em: <https://revista.iescamp.com.br/index.php/redai/article/view/90>. Acesso em: 6 out. 2024.

MARTINS, Eliseu; MIRANDA, Gilberto José; DINIZ, Josedilton Alves. **Análise Didática das Demonstrações Contábeis**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2024.

MASSOQUETTO, Karolain *et al.* **Impactos da Covid-19 sobre os indicadores econômicos e financeiros das empresas de consumo cíclico listadas na B3**. CAFI - Contabilidade, Atuária, Finanças & Informação. 2023. 164–182 p. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/cafi.62.60494>. Acesso em: 2 out. 2024.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: abordagem gerencial**. São Paulo: Atlas, 2010.

MCKIBBIN, Warwick; FERNANDO, Roshen. **The global economic impacts of the COVID-19 pandemic**. Economic Modelling. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.econmod.2023.106551>. Acesso em: 6 out. 2024.

OLIVEIRA, Adílio *et al.* **RELAÇÃO DOS INDICADORES DE DESEMPENHO E AMBIENTE MACROECONÔMICO**. Revista PRETEXTO. 2021. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/pretexto/article/view/8634>. Acesso em: 6 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. Brasil, 2020. Disponível em:



<https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 16 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19**. Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 16 set. 2024.

PANDINI, Jardel; STÜPP, Diego Rafael; FABRE, Valkyrie Vieira. **ANÁLISE DO IMPACTO DAS VARIÁVEIS MACROECONÔMICAS NO DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO DAS EMPRESAS DOS SETORES DE CONSUMO CÍCLICO E NÃO CÍCLICO DA BM&FBOVESPA**. Revista Catarinense Da Ciência Contábil. Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.16930/2237-7662/rccc.v17n51.2606>. Acesso em: 5 out. 2024.

PINDYCK, Robert S.; RUBINFELD, Daniel L. **Microeconomia**. 8ª ed. São Paulo: Pearson. 2013.

REZENDE, Adriano Alves de; MARCELINO, José Antônio; MIYAJI, Mauren. **A REINVENÇÃO DAS VENDAS: AS ESTRATÉGIAS DAS EMPRESAS BRASILEIRAS PARA GERAR RECEITAS NA PANDEMIA DE COVID-19**. 2020. 53–69 p. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3834095%20>. Acesso em: 5 out. 2024.

ROSA, Leandro K.; DECOURT, Roberto F.; VANCIN, Daniel F. **Desempenho resiliente ante período de crise econômica: Modelo integrado de concepções e estratégia de pesquisa**. RAM. Revista de Administração Mackenzie. Rio Grande do Sul, 2023. 24 (6) p. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-6971/eRAMD230001.pt>. Acesso em: 1 out. 2024.

SHETH, Jagdish. **Impact of Covid-19 on consumer behavior: Will the old habits return or die?**. Journal of Business Research. 2020, p. 280-283. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.05.059>. Acesso em: 16 set. 2024.

SHIN, Woosik ; PARK , Jiyong ; KIM, Hee-Woong . **Online consumer demand during and after natural disasters: Evidence from the COVID-19 pandemic**. Information & Management. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.im.2024.104006>. Acesso em: 6 out. 2024.

SILVA, Ahiram Cardoso *et al.* **Avaliação do desempenho de setores econômicos brasileiros: uma abordagem quantitativa**. Anais do Congresso Brasileiro de Custos. 2007. Disponível em: <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/1569>. Acesso em: 6 out. 2024.

SILVA, Alexandre Alcantara da. **Estrutura, Análise e Interpretação das Demonstrações Contábeis**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2017.

SILVA, Filipe Martins da; PRESTES, Josiane Carvalho; PEDROTTI, Rodrigo Correa. **ANÁLISE DAS NOTAS EXPLICATIVAS E RELATÓRIO DE DIRETORIA:**



INFORMAÇÕES DIVULGADAS EM RELAÇÃO A AÇÕES TOMADAS NA PANDEMIA NAS EMPRESAS DO RAMO DE TECIDOS, VESTUÁRIO E CALÇADOS LISTADOS NA B3. REVISTA DE CONTABILIDADE DOM ALBERTO. 2022, p. 58-83. Disponível em: <https://revista.domalberto.edu.br/revistadecontabilidadefda/article/view/716>. Acesso em: 5 out. 2024.

SOUSA, Gabriel Amaro Rocha de *et al.* **IMPACTO DA PANDEMIA DO COVID-19 NOS INDICADORES ESTRUTURA DE CAPITAL E LIQUIDEZ: UM ESTUDO DE CASO DA EMPRESA CVC BRASIL OPERDORA E AGÊNCIA DE VIAGENS S.A.** Revista Altus Ciência. 2024. Disponível em: <http://revistas.fcjp.edu.br/ojs/index.php/altusciencia/article/view/267>. Acesso em: 10 mar. 2025.

TEIXEIRA, Emanuela *et al.* **ANÁLISE COMPARATIVA DO DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO ENTRE OS SETORES DE CONSUMO DA B3, EM PERÍODOS DE CRISE ECONÔMICA.** Redeca, Revista Eletrônica Do Departamento De Ciências Contábeis & Departamento De Atuária E Métodos Quantitativos. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2446-9513.2022v9id56998>. Acesso em: 16 set. 2024.

TORRES, Alcides; JUNQUEIRA, Felipe de Lima; PILA, Juliana. **Expectativas para os mercados agropecuários em 2025.** Agroanalysis. 2025. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/agroanalysis/article/view/93137>. Acesso em: 1 mar. 2025.